



## Editorial

### **Atualidade das questões de gênero, sexualidades e violência na política brasileira**

É com imensa satisfação que publicamos o último número de 2025 dos **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Sob a gestão da Rede Internacional de Pesquisadoras Associadas ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (REDE NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fechamos com este número 4 do Volume 11 o ano de **aniversário de dez anos** dos Cadernos hospedados na plataforma SEER da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Desde março de 2024, quando a submissão de trabalhos foi suspensa e um intenso trabalho de avaliação de textos e reestruturação da equipe editorial se iniciou, a REDE NIGS trabalhou para a reabertura de submissões - o que se efetivou (com muita alegria) em setembro deste ano.

A partir desta nova fase, consolidamos o propósito de publicar **artigos originais** dos campos de estudos de gênero, sexualidades e diversidades com maior rapidez no processo editorial. E inovamos, nesta segunda década dos Cadernos, abrindo novas categorias de submissão. Além de **Artigo, Entrevista, Tradução, Ensaio, Diário de Campo e Resenha**, nesta nova fase editorial, incentivamos com ainda maior vigor trabalhos de **Iniciação Científica** escritos em co-autoria com professoras/es orientadoras/es e novas formas de expressão textual na seção **Escritas Criativas**, que inclui relatos de experiências didáticas, etnografias visuais, ensaios artísticos, verbetes etc.

Iniciamos também neste último trimestre de 2025, a divulgação dos artigos publicados nos Cadernos na rede social Instagram e convidamos autoras/es e leitoras/es a apoiarem esta difusão científica compartilhando nossas postagens.

Reabriremos em 2026 a submissão de propostas de **Dossiês Temáticos** que serão organizados em parceria, de núcleos e equipes consolidadas de pesquisa no campo dos estudos de gênero, sexualidades e diversidades, com a coordenação editorial dos Cadernos.

Neste último número de 2025, iniciamos a publicação com artigos que refletem mais claramente esta nova política editorial dos Cadernos,



com destaque à articulação entre pesquisa acadêmica e engajamento feminista em lutas por equidade e respeito às múltiplas identidades de gênero, contra violências e pelo respeito às diversidades.

A partir do marco político do julgamento no Supremo Tribunal Federal e prisão de Jair Bolsonaro e generais que planejaram golpe contra a democracia brasileira em novembro de 2025, continuamos refletindo sobre como política e gênero se entrelaçam e têm impacto direto na vida cotidiana de mulheres, populações LGBTQIA+, negras, indígenas, de pessoas com deficiência e de comunidades tradicionais no Brasil.

Nesta perspectiva, este número aborda alguns grandes temas da política atual. Iniciamos com artigos que analisam discursos políticos conservadores na Câmara Federal, continuamos com uma série de artigos sobre sexualidades e questões trans, gays e lésbicas; trazemos um novo tema que emerge no campo de estudos de gênero, que é a análise dos espaços urbanos como espaços engendrados; continuamos refletindo sobre a violência - tema que percorre 50 anos de feminismos no Brasil e finalizamos com um estudo sobre ativismo entre mulheres rurais. Buscamos, com a publicação dos artigos que seguem, instrumentalizar teoricamente nosso campo de estudos para os enfrentamentos que não páram de acontecer.

No artigo que abre este número, Laura Gomes Barbosa e Giulia Gouveia Siqueira P. Homem lançam mão de uma lente interseccional de análise para entender como o controle de natalidade foi abordado por Jair Messias Bolsonaro ao longo dos sete mandatos como deputado na Câmara Federal com o artigo *Os direitos sexuais e reprodutivos em perspectiva interseccional: uma análise dos discursos proferidos pelo deputado federal Jair Messias Bolsonaro*. Nele, as autoras demonstram como este tema - tradicionalmente proposto e discutido na pauta feminista - foi apropriado por setores reacionários e conservadores pela defesa dos chamados pilares Pátria, Família Tradicional e Acumulação de Capital.

Na continuidade dos artigos sobre o campo legislativo, o artigo *Hierarquias de gênero e raça na elite parlamentar brasileira: o caso da 55ª Legislatura da Câmara dos Deputados (2015-2019)*, de Luiza Aikawa, traça um retrato da divisão sexual do trabalho político, buscando compreender como a desigualdade entre homens e mulheres se manifesta também no dia a dia parlamentar, revelando dinâmicas de exclusão e desproporção na distribuição de capital político. Um dos resultados desta desigualdade é a baixa presença feminina em cargos prestigiados, como Mesa Diretora e presidências de comissões.



Na sequência de reflexões sobre a prevalência das masculinidades hegemônicas nos espaços de poder, o artigo *Análise linguístico-discursiva da “masculinidade tóxica” em meios digitais*, de Francisco Arkires Silva do Nascimento e Rafael Lima Vieira, analisa os frequentes discursos em plataforma de vídeos curtos e rede social, que amplificam normas patriarcais e violências de gênero, no que eles chamam de "arenas ideológicas". Todavia, apesar da prevalência destas posições no espaço digital, os autores são otimistas ao perceberem que há também perspectivas de transformação nas representações de gênero nestes espaços e apontam para possibilidades de desconstruir tais narrativas.

Em *O corpo gay que vive com HIV: discursos, intersecções e resistência*, José Augusto Simões de Miranda busca compreender como as identidades de *ser gay* e *(con)viver com hiv* são representadas em mídias digitais. Analisando discursos da ‘Campanha Indetectável’ (2018) transmitida no *YouTube* pelo Ministério da Saúde, o autor reflete não somente sobre as mortes literais vividas na história entre a epidemia do hiv/aids e a população LGBTQIAPN+, como também sobre as mortes simbólicas desencadeadas por efeitos do estigma que estas campanhas buscam desconstruir.

Em *Papéis de Gênero e o Sexo Desprotegido entre Mulheres e Homens: uma Revisão Integrativa da Literatura*, Isabella Zuardi Marques, Rodrigo Falcão Chaise e Kátia Bones Rocha investigam publicações que associam papéis de gênero e o uso de preservativo em relações heterossexuais. Entre as descobertas desta revisão integrativa, está a vulnerabilidade das mulheres ao sexo desprotegido. A partir dos dados teóricos, as autoras dialogam diretamente com áreas como desigualdades estruturais, prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e saúde sexual e reprodutiva - escopo relevante no campo da saúde pública, da psicologia social e dos estudos de gênero.

Élvis Herrmann Bonini, Isadora Cechin Filipiack e Cláudia Mara Bosetto Cenci investigam as subjetividades de pessoas transgêneros e a relação com suas famílias no artigo *Vivências de pessoas transgênero com suas famílias de origem*. A pesquisa desenvolvida no campo da saúde foi feita com jovens trans no Rio Grande do Sul e constatou a urgência de ações afirmativas que possam contemplar esta população, em particular no que denominam de fase de rearranjo familiar.

O artigo *Violências experimentadas por mulheres transgêneras migrantes venezuelanas no Brasil* representa outra importante contribuição para a temática trans neste número 4 dos **Cadernos de Gênero e Diversidade**. O estudo foi conduzido em Manaus e Boa



Vista a partir de entrevistas e grupos focais, apresentando dados alarmantes sobre a transfobia na região Norte e indicando o alto grau de vulnerabilidade e falta de segurança destas mulheres. Assinam esta pesquisa, Rodrigo Natan do Nascimento Almeida, Sara Fiterman Lima, Helena Moraes Cortes, Liliana Janeth Gómez Aristizábal e Zeni Carvalho Lamy.

O artigo *Velhice e homossexualidade: trajetórias de mulheres lésbicas idosas*, de Fannya Talilia Batista de Souza, Ianara Cristóvão de Holanda, Michelle de Jesus Dias e Rodrigo Jorge Salles, aborda uma temática de grande atualidade, que foi o tema da Parada da Diversidade de 2025 em São Paulo: a pluralidade do envelhecer ao dar visibilidade às experiências de mulheres lésbicas que enfrentaram, ao longo da vida, dificuldades na autoaceitação de sua orientação sexual, assim como desafiaram viver suas relações afetivo-sexuais em uma sociedade marcada pela heteronormatividade. As narrativas reunidas no estudo revelam trajetórias permeadas por preconceitos e silenciamentos, mas também por resistência, autonomia e reconstrução identitária para as quais redes e ONGs tiveram e têm um papel fundamental como o apoio na promoção do acolhimento e da visibilidade LGBTQIA+ nas últimas décadas. Os autores concluem que, na velhice, muitas das violências sofridas ao longo da vida são superadas e que as conquistas sociais dadas por lutas coletivas e a estabilidade financeira alcançada permitem maior liberdade para expressar afetos e viver a sexualidade dissidente de modo mais pleno.

Na continuidade dos artigos sobre temáticas de homossexualidade, mas ampliando para análises sobre questões de gênero no espaço urbano, Valdir José Morigi, Ana Maria Giovanoni Fornos e Luis Fernando Massoni contribuem com uma interessante análise sobre como questões de gênero ocupam o espaço público das cidades, com o artigo *Imaginários urbanos e grupos transgêneros e homossexuais: As representações sobre o bairro Cidade Baixa (Porto Alegre/RS/Brasil)*. Eles trazem resultados de uma pesquisa quali-quantitativa que compara informações oficiais sobre o tradicional bairro da Cidade Baixa em Porto Alegre com as respostas de um questionário aplicado a 160 moradores da cidade em 2022. Os autores constatam o quanto as representações sociais contemporâneas deste território urbano o associam à presença de grupos transgêneros e homossexuais, diferentemente das representações oficiais da cidade.

No mesmo sentido, de pensar o espaço urbano em suas relações com gênero e sexualidade, Marcos Sardá-Vieira, Ivone Maria Mendes Silva e Reginaldo José de Souza, em *Cidade Solidária e Não*



*Monogamia: reavaliando a finitude e os vínculos afetivos*, definem como determinadas práticas heterossexistas configuram as áreas urbanas. Tendo uma cidade de médio porte no interior do Rio Grande do Sul como campo de pesquisa, os autores e a autora pleiteiam por novos modelos de vivências no espaço urbano. Propõem modelos mais solidários, que levem em conta a existência de vínculos sociais e afetos não monogâmicos.

Na sequência, temos dois artigos que abordam a temática das violências baseadas em gênero, tópico lembrado anualmente no dia 25 de novembro - Dia Internacional pela Eliminação das Violências contra as Mulheres - que, infelizmente, é um tema que está presente em todos os números dos Cadernos, devido à gravidade deste problema social no Brasil. Não por acaso, fechamos este número sob o impacto de dois terríveis feminicídios ocorridos nos últimos dias de novembro de 2025 nos espaços acadêmicos, onde produzimos teoria feminista: o da estudante de pós-graduação em Inglês da UFSC, Catarina Kasten, na praia do Matadeiro, em Florianópolis; e o da professora Allana de Souza Pedrotti e da psicóloga Layse Costa Pinheiro, no CEFET Maracanã, onde trabalhavam no Rio de Janeiro.

Em *Public policies aimed at combating violence against women in Brazil: a case study*, Palloma Rosa Ferreira e Diego Neves de Sousa lançam um olhar atento sobre as ações públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres, a partir do exemplo da Rede de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência. Escrito em inglês, o texto apresenta para um público maior a extensão das políticas públicas brasileiras de enfrentamento às violências de gênero, assim como as realidades das mulheres e os desafios teóricos e políticos deste campo social que envolve os campos do judiciário, da assistência social e o universo acadêmico.

Também neste tema, Auricelia de Aguiar Silva e Dimas dos Reis Ribeiro examinam as percepções da violência de gênero e sexualidade no meio escolar. No artigo *A representação da violência de Gênero e Sexualidade: percepção de estudantes e professoras/es de uma escola pública de Imperatriz, Maranhão*, eles observam que o meio social tem forte influência sobre os/as estudantes e que a violência é reproduzida de forma naturalizada no espaço escolar. Concluem que falta discussão e ações para combater as violências de gênero na escola e que são necessárias ações imediatas para reverter o grave quadro atual da problemática.

Por fim, o último artigo publicado neste número é *Um estudo sobre a Associação de mulheres AMAFPA, no município de Terra Nova*



do Norte/MT, no qual Ana Claudia Taube Matiello investiga o papel de uma organização de mulheres que atua no campo, com questões de trabalho e educação. Sua análise da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Portal da Amazônia (AMAFPA) evidencia tanto a organização coletiva das mulheres em contexto rural, quanto o impacto do modelo na autonomia econômica dessas interlocutoras. Destaca a relação entre gênero, educação e desigualdades estruturais (como políticas públicas insuficientes e violência familiar), mostrando que os desafios enfrentados pelas mulheres do campo são similares a outros debates no campo dos estudos feministas e rurais.

Na seção **Entrevista**, a socióloga catarinense Anita Moser conversa com a pesquisadora Bárbara Amorim sobre sua contribuição na consolidação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina em entrevista do projeto “Outros Olhares” do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Sua experiência como docente acompanha a história dos 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFSC, onde contribuiu com um estudo pioneiro de gênero e trabalho com o livro resultante de sua dissertação de mestrado - *A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial (1985)* - e para a consolidação do campo da Sociologia do Trabalho, ministrando disciplinas e levando estudantes em visitas exploratórias ou pesquisas de campo à indústria catarinense.

Por último, temos duas resenhas de livros. A primeira é de Gabriela Cavalcanti Maciel, que faz uma leitura atenta e rigorosa da obra de Mariléa de Almeida, *Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*, para a escrita de sua **Resenha Corpo, memória e território: práticas de resistência no Devir Quilomba**. Nela, a resenhista valoriza a originalidade dos conceitos propostos no livro, como “governamentalidade racista” e “dispositivo da ancestralidade”, e mostra como estes contribuem para um reposicionamento epistemológico no campo dos feminismos negros e dos estudos sobre quilombos. Outro mérito da resenha é a forma como articula a dimensão acadêmica e política do livro, evidenciando sua potência como referência para debates sobre gênero, raça e território.

E a segunda resenha traz a contribuição do livro *Políticas e culturas alternativas da menstruação: resistências contra-hegemônicas a partir dos corpos que sangram* da autora feminista basca Miren Guilló Arakistain ao campo da antropologia e estudos de gênero / reprodutivos. O texto localiza os/as/es leitores/as no debate, lançando questões a serem pensadas também nos contextos brasileiros. Escrita em linguagem não binária, esta resenha assinada por Marina Dutra Soncini e Miriam



Pillar Grossi situa o conteúdo do livro a partir de teorias e conceitos do campo, trazendo uma visão atualizada das relações entre corpo e política.

Para finalizar, agradecemos mais uma vez a colaboração do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que contribuiu com a capa desta edição (**O estranho infamiliar**) através da estudante Bianca Petry Bortoluzzi sob a supervisão da professora Rosa Blanca Cedillo e todas/es pareceristas que gentilmente doaram tempo e conhecimento para avaliar e contribuir ao fortalecimento dos estudos feministas no Brasil.

Desejamos a todos/as/es uma ótima leitura deste número nestes últimos dias do ano de 2025.

Boa leitura!

Miriam Grossi - Coordenação Editorial

Carolina Bergmann

Izabela Liz Schlindwein

Juliana Cavilha

Priscilla Gusmão

Equipe editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidade